LENDO PARA BEBÊS – ENTRELAÇANDO ESCOLA E FAMÍLIA

MARTA MAGNA DOS SANTOS

RESUMO

Este artigo discute a relevância da inserção da literatura na primeiríssima infância, compreendendo-a como uma experiência indissociavelmente afetiva, cognitiva, biológica e social. Sob a premissa de que a formação do leitor se inicia nos primeiros meses de vida, investiga-se a necessária parceria entre os Centros de Educação Infantil (CEIs) e o núcleo familiar. O arcabouço teórico fundamenta-se em evidências neurocientíficas contemporâneas que apontam que o contato precoce com acervos bibliográficos de qualidade estimula a neuroplasticidade cerebral, expande a competência linguística, refina a atenção sustentada e pavimenta o desenvolvimento da empatia e da cognição social. Paralelamente, descreve-se o desenho metodológico do projeto pedagógico integrado intitulado 'Lendo para Bebês – Entrelaçando Escola e Família', estruturado em duas vertentes simbióticas: a ação 'Leitura em Família', baseada no empréstimo circulante de livros físicos adequados à faixa etária, e as sessões de 'Contação de Histórias para Bebês e suas Famílias', realizadas em ambientes escolares planejados sob os pressupostos estéticos das pedagogias participativas. Adicionalmente, o estudo delimita critérios para a curadoria de acervos específicos para a infância de zero a três anos — privilegiando materiais cartonados, multissensoriais e dotados de representatividade cultural — e define estratégias de mediação dialógica. Conclui-se que a articulação interinstitucional em prol da leitura compartilhada na infância representa um investimento político e pedagógico crucial no desenvolvimento holístico dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura na Primeira Infância; Neurodesenvolvimento; Vínculos Afetivos; Parceria Escola-Família; Mediação Literária.

INTRODUÇÃO

A introdução da literatura na vida do ser humano tem sido historicamente postergada para o período de consolidação da alfabetização formal, sob a crença errônea de que a leitura depende exclusivamente da capacidade de decodificar grafemas e fonemas. No entanto, as transformações teóricas operadas nos campos da pedagogia da infância e das neurociências vêm demonstrando de forma inequívoca que a formação do leitor se inicia muito antes do ingresso no Ensino Fundamental. O bebê, desde o período gestacional e intensamente a partir do nascimento, realiza uma leitura do mundo que antecede a leitura da palavra escrita. Ele lê os contornos faciais dos cuidadores, as modulações sonoras da fala, as texturas dos ambientes e a dinâmica das relações que o cercam.

Frente a essa constatação, a leitura para bebês assume um caráter que ultrapassa os limites da instrução formal: converte-se em uma experiência multidimensional rica em afeto, interação social e estímulo biológico. Quando um adulto de referência se assenta ao lado de um bebê para compartilhar uma narrativa literária, instala-se um fenômeno denominado atenção conjunta ou compartilhada. Nesse momento, o livro físico atua como um terceiro elemento mediador de uma díade relacional, onde a literatura se amalgama ao sentimento de acolhimento, proteção e amor. O objeto-livro, portanto, é investido de uma carga afetiva que associa, na arquitetura psíquica da criança, o ato de ler ao prazer e à segurança.

A despeito da robustez desses benefícios, a sociedade contemporânea impõe barreiras ao exercício pleno dessa vivência. A hiperurbanização, a aceleração do tempo social e, de modo alarmante, a invasão precoce das telas digitais (smartphones, tablets e televisores) no cotidiano dos bebês têm operado um esvaziamento das interações interativas face a face. Dispositivos eletrônicos que emitem estímulos visuais e sonoros hiperbólicos capturam a atenção passiva da criança pequena, mas prejudicam a estruturação dos circuitos neurais responsáveis pela linguagem oral e pela autorregulação emocional. O livro impresso e a voz humana emergem, nesse cenário, como instrumentos de

resistência pedagógica e de preservação da ecologia do desenvolvimento infantil.

Diante desse diagnóstico, o presente artigo se dedica a analisar e fundamentar o projeto institucional 'Lendo para Bebês – Entrelaçando Escola e Família'. Esta iniciativa pedagógica parte do pressuposto de que o Centro de Educação Infantil (CEI) não pode atuar de forma isolada na constituição de um ambiente letrado e afetivo. A consolidação do hábito de leitura requer uma rede de apoio mútua e uma simbiose de ações entre a escola e a comunidade familiar, de modo que os estímulos recebidos no espaço escolar encontrem ressonância e continuidade no recesso do lar, e vice-versa.

A relevância deste estudo reside na necessidade de subsidiar teoricamente as práxis de educadores da primeira infância e propor caminhos metodológicos replicáveis para a aproximação concreta das famílias na rotina escolar. Estruturalmente, o artigo percorre as bases neurocientíficas da leitura na infância, discute os impactos psicológicos e a constituição do apego seguro por meio do afeto literário, mapeia a parceria política e pedagógica entre escola e família balizada pela BNCC, detalha a curadoria estética dos acervos bibliográficos e apresenta, minuciosamente, o desenho operacional e os resultados esperados do projeto em questão.

FUNDAMENTOS NEUROCIENTÍFICOS E COGNITIVOS DA LEITURA PRECOCE

O cérebro humano, ao nascer, possui uma configuração anatômica básica, mas a sua fiação fina, isto é, a densidade e a eficiência de suas redes de conexões sinápticas, depende fundamentalmente da qualidade, frequência e previsibilidade dos estímulos ambientais. Os primeiros três anos de vida representam a janela de maior plasticidade cerebral ou neuroplasticidade de toda a trajetória humana. Trata-se de um período crítico no qual os circuitos neurais estão em plena efervescência, operando podas sinápticas e processos de mielinização que estruturarão as competências intelectuais do sujeito de forma duradoura.

A exposição de bebês a sessões regulares de leitura compartilhada ativa simultaneamente vastas e complexas áreas do córtex cerebral. Quando o adulto realiza a leitura, o processamento auditivo da fonética, do ritmo, da métrica e da prosódia da voz estimula o lobo temporal superior (especialmente a área de Wernicke, responsável pela compreensão da linguagem). Simultaneamente, ao observar as ilustrações do livro, o lobo occipital processa as formas, cores e contrastes, enquanto o lobo parietal integra os estímulos táteis decorrentes do toque no material físico. O córtex pré-frontal, por sua vez, é recrutado para coordenar a atenção focada e o reconhecimento de padrões sequenciais na narrativa.

A neuroplasticidade cerebral na primeira infância é altamente responsiva aos estímulos linguísticos e afetivos. Pesquisas de imageamento cerebral funcional demonstram que crianças expostas à leitura regular em casa manifestam uma ativação significativamente maior na região do córtex de associação do hemisfério esquerdo, área responsável pela integração semântica, mesmo antes de aprenderem a ler formalmente (RODRIGUES; NUNES, 2025, p. 41420).

Dessa forma, a leitura sistemática atua como um catalisador do neurodesenvolvimento. Ela enriquece o ambiente linguístico e previne a pobreza lexical, que está diretamente associada a atrasos no desenvolvimento global. Estudos longitudinais no campo da neuropsicologia cognitiva revelam que crianças que vivenciaram a leitura no contexto familiar durante os primeiros vinte e quatro meses de vida ingressam na educação formal com um vocabulário receptivo e expressivo consideravelmente superior, demonstrando maior facilidade no domínio da consciência fonológica — preditor fundamental para o sucesso na alfabetização posterior.

Ademais, a cognição infantil é beneficiada no que tange às chamadas Funções Executivas Centrais, que englobam a memória de trabalho, o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva. Ao acompanhar a sequência de virada das páginas e associar o som da palavra ao objeto visualizado, o bebê exercita a capacidade de manter uma informação ativa na mente (memória de trabalho) e de sustentar o foco atencional em um único estímulo por períodos progressivamente maiores (controle inibitório). Esse exercício lúdico funciona como uma musculação cognitiva, blindando a mente infantil contra os

estímulos fragmentados e hiperestimulantes típicos das tecnologias digitais que geram dispersão atencional crônica.

VÍNCULOS AFETIVOS, SAÚDE EMOCIONAL E A TEORIA DO APEGO

Para além das métricas cognitivas e neurológicas, a leitura com bebês se sustenta na dimensão afetiva. A psicologia do desenvolvimento estabelece que a saúde mental e o equilíbrio emocional de um indivíduo estão diretamente ancorados na qualidade dos primeiros vínculos de apego estabelecidos com seus cuidadores primários. A Teoria do Apego, formulada por John Bowlby, postula que o bebê necessita experienciar uma relação contínua, calorosa e responsiva com o adulto para desenvolver um senso de confiança básica no mundo e em si mesmo.

A situação de leitura compartilhada preenche com precisão os requisitos para a consolidação de um apego seguro. Geralmente, essa atividade ocorre em um arranjo corporal específico: o bebê aninhado no colo do cuidador, ou sentado em estreita proximidade física. Esse contato pele a pele e a percepção do batimento cardíaco e do calor do adulto geram uma descarga de ocitocina — o hormônio do vínculo e do amor — no organismo da criança, reduzindo os níveis de cortisol (hormônio do estresse). O livro, portanto, passa a ser codificado emocionalmente pela criança não como um objeto de cobrança intelectual, mas como um refúgio de intimidade, carinho e validação mútua.

A interação verbal e o acolhimento corporal que ocorrem durante o ato de ler funcionam como um poderoso regulador psicofisiológico. O bebê aprende a associar a voz do adulto, a melodia do texto e a proximidade física a um estado de relaxamento e segurança psíquica, fortalecendo as bases de sua resiliência emocional (RODRIGUES; NUNES, 2025, p. 41428).

Sob a ótica da saúde mental infantil, o hábito literário lúdico atua de forma preventiva. A literatura oferece à criança pequena uma gramática emocional. Por meio das histórias de personagens que enfrentam medos, perdas, frustrações ou alegrias, o bebê e a criança bem pequena começam a nomear e processar seus próprios sentimentos internos. Ocorre o desenvolvimento da teoria da mente, que é a capacidade de compreender os estados mentais, intenções e emoções dos outros, eixo estruturante da empatia e do comportamento pró-social.

Estudos rigorosos publicados em veículos de prestígio internacional confirmam o impacto de longo prazo desse hábito precoce. Um estudo longitudinal robusto mapeou os efeitos da leitura por prazer iniciada na infância: Pesquisadores evidenciaram que crianças que desenvolveram o hábito de ler por prazer desde os primeiros anos manifestaram, ao atingirem a adolescência, índices significativamente menores de depressão, ansiedade e transtornos de conduta, além de apresentarem um volume cortical maior em áreas cerebrais vitais relacionadas à saúde mental e ao desempenho acadêmico (SAHAKIAN et al., 2023, s.p.).

A leitura compartilhada funciona, portanto, como uma intervenção de baixo custo e altíssimo impacto na saúde pública, capaz de mitigar os efeitos deletérios de ambientes estressores e promover o bem-estar psicológico duradouro, dotando o sujeito de recursos internos para o enfrentamento das vicissitudes da vida adulta.

FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA À LUZ DA BNCC

A consolidação de uma cultura letrada na infância não pode ser de responsabilidade exclusiva de uma única instituição. A dicotomia histórica que colocava a escola como o lugar do saber formal e a família como o espaço do cuidado privado precisa ser superada por uma visão ecossistêmica da educação. A criança habita múltiplos territórios e se desenvolve na intersecção entre eles. Portanto, a sinergia entre o Centro de Educação Infantil e o lar é um requisito mandatório para a eficácia de qualquer projeto de formação de leitores.

No ordenamento legal brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconfi-

gura as práticas da Educação Infantil ao estabelecer os Direitos de Aprendizagem e os Campos de Experiências. A BNCC é explícita ao determinar que as instituições de ensino devem construir canais de comunicação e cooperação com as famílias, integrando-as nos processos pedagógicos. O campo de ex-

periência intitulado "Escuta, fala, pensamento e imaginação" aponta diretamente para a necessidade de propiciar situações em que as crianças possam ouvir histórias, contos, fábulas e poemas tanto no ambiente escolar quanto no seio familiar, reconhecendo os pais como agentes ativos de mediação cultural.

No entanto, para que essa parceria seja efetiva, a escola precisa despir-se de posturas prescritivas ou julgadoras. Muitas famílias, devido a barreiras socioeconômicas, baixos índices de escolaridade ou jornadas de trabalho extenuantes, não possuem o hábito de ler ou se sentem intimidadas diante do objeto-livro. O papel da instituição escolar não é cobrar ou apontar falhas, mas sim acolher, instrumentalizar e encorajar os pais. A Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal destaca o peso desse acolhimento institucional:

A presença e o engajamento dos adultos de referência são fundamentais para que a literatura cumpra seu papel transformador na infância. Para isso, as escolas precisam criar pontes sensíveis, oferecendo apoio, recursos e orientações claras para que os familiares se sintam seguros e motivados a exercer a mediação literária no espaço doméstico (FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL, 2025, s.p.).

Essa instrumentalização das famílias pressupõe ampliar o próprio conceito de texto literário. O projeto 'Lendo para Bebês' assume uma perspectiva plural de letramento, esclarecendo aos pais que a literatura na primeira infância engloba as rimas de berço, os acalantos, as parlendas, os jogos de mãos e as histórias orais transmitidas por gerações — os chamados 'livros sem páginas'. Ao valorizar o repertório cultural prévio das famílias, a escola eleva a autoestima parental e demonstra que o ato de ler e contar histórias é acessível a todos, configurando-se como uma extensão orgânica das práticas de cuidado e carinho já existentes no ambiente doméstico.

CURADORIA ESTÉTICA E A MATERIALIDADE DO LIVRO PARA BEBÊS

A escolha dos livros que serão oferecidos aos bebês não pode ser aleatória ou baseada apenas em critérios comerciais de conveniência. A literatura para a infância de zero a três anos possui uma gramática própria e exige uma curadoria rigorosa, pautada em critérios estéticos, táteis, de segurança e de adequação ao desenvolvimento sensório-motor. Para o bebê, o livro é um objeto de exploração total: ele lê com os olhos, com as mãos, com os ouvidos e com a boca. O toque e a manipulação física são as vias primárias de apropriação do objeto.

Nessa perspectiva, os materiais devem ser altamente resistentes e seguros, confeccionados em papel cartonado rígido, tecidos laváveis, plástico atóxico ou borracha. Esses suportes permitem que o bebê morda, babando sobre o livro, jogue-o no chão, puxe e explore suas páginas sem o risco de rasgar ou engolir fragmentos de papel. O design do livro para bebês deve ser concebido como um brinquedo heurístico, um território de descobertas multissensoriais. Livros que incorporam texturas diversas (pelúcias, relevos, superfícies ásperas ou lisas) e estímulos sonoros discretos convidam à curiosidade física, promovendo o refinamento da coordenação motora fina e da discriminação tátil.

No plano visual, a curadoria deve priorizar ilustrações de alta qualidade artística, que fujam de estereótipos infantilizados ou excessivamente poluídos. Nos primeiros meses de vida, a acuidade visual do bebê está em desenvolvimento; portanto, imagens com alto contraste (como preto e branco ou cores primárias puras) e contornos bem delimitados são mais facilmente capturadas e processadas por eles. À medida que avançam na faixa etária, narrativas visuais sequenciais simples, com textos curtos, sonoros, marcados por rimas, aliterações e repetições, ganham relevância, pois engajam a criança pelo ritmo poético e facilitam a antecipação de eventos na história.

Outro pilar ético e pedagógico inegociável na seleção de acervos é a representatividade e a diversidade sociocultural. O livro atua como um espelho e como uma janela: permite à criança enxergar a si mesma e contemplar o outro. Luana Oliveira Carvalho discute criticamente a centralidade desse aspecto no planejamento educacional:

A literatura infantil deve ser um território de visibilidade e valorização da diversidade humana. É imperativo que os acervos con-

tenham personagens que retratem a pluralidade étnico-racial, a diversidade de arranjos familiares, de culturas e de corporalidades. Livros que trazem protagonistas negros, indígenas e periféricos de forma positiva desconstroem narrativas hegemônicas e auxiliam a criança, desde o berço, a edificar uma identidade autônoma, saudável e livre de preconceitos (CARVALHO, 2019, p. 88).

Promover um acervo plural dentro do projeto pedagógico é lançar as bases para uma educação antirracista, democrática e inclusiva. Quando um bebê negro se vê representado em uma ilustração de um livro de qualidade, ou quando um bebê de uma configuração familiar não tradicional encontra sua realidade validada na literatura escolar, o senso de pertença é fortalecido, estruturando um terreno fértil para o respeito mútuo e a equidade.

ESTRUTURA METODOLÓGICA DO PROJETO 'LENDO PARA BEBÊS'

O projeto pedagógico integrado 'Lendo para Bebês – Entrelaçando Escola e Família' foi idealizado como uma intervenção sistêmica nas rotinas dos Centros de Educação Infantil. Longe de se configurar como um evento isolado ou uma efeméride no calendário letivo, o projeto possui caráter contínuo, processual e intencional. O seu desenho operacional baseia-se na articulação de duas ações principais, complementares entre si, que tensionam o isolamento das instituições e criam uma real circulação cultural entre a escola e a comunidade local.

AÇÃO 1: LEITURA EM FAMÍLIA E LOGÍSTICA CIRCULANTE

A primeira vertente do projeto consiste na implantação de uma biblioteca circulante semanal voltada especificamente para as turmas de berçário e minigrupo. Todas as sextas-feiras, cada bebê escolhe, com a mediação dos educadores, um livro de literatura do acervo especial do projeto para levar para casa dentro de uma sacola de tecido customizada. Este livro permanece com a família durante todo o final de semana e os dias subsequentes, devendo ser devolvido na quarta-feira seguinte para higienização e posterior redistribuição.

Junto ao livro, é enviado um pequeno encarte ou bilhete afetivo direcionado aos pais ou responsáveis, contendo sugestões de mediação. Essas orientações desmistificam o ato de ler: explicam que não é necessário que o bebê compreenda a totalidade lógica da história, mas sim que ouça o ritmo da voz do adulto; encorajam a deixar a criança folhear livremente, apontar as imagens e até morder o livro se for da natureza do suporte; e sugerem perguntas abertas que estimulem a mediação dialógica. O ambiente doméstico é, dessa forma, transformado em uma extensão orgânica da sala de leitura escolar. Ao retornarem ao CEI, as crianças participam de rodas de conversação informal onde os professores resgatam a vivência do final de semana. Embora muitos bebês estejam no estágio do balbucio ou de palavras-frase, a expressão corporal, os gestos direcionados às capas dos livros e o entusiasmo ao reverem os volumes demonstram a apropriação afetiva do processo. Os relatos enviados pelas famílias por meio dos diários de bordo do projeto evidenciam que a chegada semanal do livro virou um ritual aguardado, que mobiliza irmãos mais velhos, pais e avós em torno do bebê.

AÇÃO 2: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA COM AS FAMÍLIAS

A segunda vertente do projeto visa trazer o núcleo familiar para o interior do espaço escolar de forma ativa e acolhedora. Mensalmente, cada turma organiza uma sessão coletiva de contação de histórias mediada pelos professores, na qual os pais, mães e responsáveis são convidados a ingressar no CEI e participar da roda junto com os bebês. Essa ação visa quebrar as barreiras de distanciamento institucional e oferecer aos adultos modelos práticos e lúdicos de mediação literária em tempo real.

A preparação do ambiente para receber as famílias segue rigorosos critérios estéticos e de conforto, inspirados no conceito do espaço como terceiro educador. Desbancam-se as cadeiras tradicionais e organiza-se um grande círculo no chão da sala ou do solário, forrado com tapetes macios, esteiras de palha, almofadas grandes e focos de iluminação suave. Elementos cênicos sutis — como varais de livros suspensos, tecidos fluídos

que mudam a percepção espacial e objetos de apoio (fantoches de linha, instrumentos musicais de efeito sonoro como caxixis e paus de chuva) — são dispostos para criar uma atmosfera imersiva de encantamento.
A sessão é conduzida pelo professor de forma expressiva e teatral, modulando os tons de voz e utilizando a expressividade corporal para capturar a atenção flutuante dos pequenos. Em um primeiro momento, realiza-se uma atividade de sintonização ou quebra-gelo baseada em cantigas de ninar e brincadeiras rimadas corporais, integrando adultos e bebês no mesmo compasso. Após a contação da história principal, abre-se um espaço de partilha livre: os livros são disponibilizados no centro do tapete para que pais e bebês explorem juntos os materiais, permitindo ao professor circular entre os núcleos familiares, oferecendo feedbacks e tirando dúvidas sobre a leitura dialógica.

O PAPEL DO EDUCADOR COMO MEDIADOR E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em um modelo pedagógico centrado na investigação e no protagonismo infantil, a função do professor sofre uma mutação conceitual profunda. Ele afasta-se definitivamente do papel de transmissor centralizador de conteúdos ou de mero executor de cronogramas burocráticos para converter-se em um designer de contextos, um curador de materiais e um co-pesquisador das infâncias. Mediar a leitura para bebês não significa exigir silêncio absoluto ou impor uma escuta passiva e imóvel; significa estar atento às múltiplas manifestações de interesse e agência da criança bem pequena.
Durante os momentos de leitura, o educador exerce uma escuta sensível, que decodifica as linguagens não verbais dos bebês: o direcionamento do olhar, o gesto de apontar com o indicador, a imitação de sons de animais, a expressão de espanto ou alegria e a insistência em retornar à mesma página repetidas vezes. O professor responsivo acolhe essas manifestações, valida-as e as devolve em forma de expansão linguística, transformando a leitura em um diálogo vivo, mesmo com crianças não vocalizadoras.
Para sustentar essa práxis pedagógica avançada e conferir rigor científico ao projeto, utiliza-se a metodologia da Documentação Pedagógica. Documentar consiste no ato político e epistemológico de tornar visível o pensamento e os processos de aprendizagem das crianças e o impacto das intervenções docentes. O educador utiliza-se de diários de campo, gravações em áudio das falas e balbucios, e registros fotográficos detalhados focados nos detalhes das interações.
Esse material empírico bruto é submetido a um processo de análise e interpretação individual e coletiva nas reuniões de planejamento. A partir daí, o professor elabora artefatos da documentação — como mini histórias, painéis fotográficos narrativos e portfólios coletivos. Esses materiais são fixados nas paredes do CEI, na altura dos olhos dos bebês, permitindo que eles revisitem suas vivências literárias, consolidando a memória afetiva e a identidade do grupo. Paralelamente, a documentação pedagógica atua como uma ferramenta potente de comunicação com as famílias, descortinando para os pais a complexidade neurológica e emocional que ocorre por trás de uma simples roda de história.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO NO COTIDIANO DOS CEIs

A implementação de um projeto com a envergadura do 'Lendo para Bebês' no interior da escola pública brasileira de primeira infância não ocorre sem fricções ou resistências estruturais e culturais. É imperativo traçar uma análise realista e crítica dos desafios encontrados no chão da escola para que as propostas não permaneçam no campo da utopia teórica desvinculada das contingências do cotidiano pedagógico.
O primeiro grande desafio reside na ordem estrutural e financeira das redes de ensino. A constituição de um acervo literário de qualidade para bebês, composto por livros cartonados, sensoriais e diversificados, exige um aporte de investimentos financeiros contínuos que muitas instituições não dispõem. Livros específicos para essa faixa etária possuem um custo de mercado elevado devido à complexidade de sua fabricação material. A superação desse obstáculo demanda a formulação de políticas públicas centralizadas de compra de livros (como o antigo Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE) e a autonomia financeira das gestões esco-

lares para realizarem aquisições focadas nas especificidades de suas comunidades.
O segundo entrave localiza-se na formação inicial de professores. Os currículos das licenciaturas em Pedagogia no Brasil historicamente priorizam a formação voltada para o Ensino Fundamental e para a alfabetização formal, dedicando escasso espaço teórico e prático para as especificidades da pedagogia do berçário e para a literatura na primeiríssima infância. Muitos educadores iniciam suas carreiras replicando práticas escolarizantes inadequadas ou utilizando a leitura apenas como um instrumento de controle comportamental para silenciar as turmas. Faz-se urgente o investimento em programas institucionais de formação continuada em contexto, focados na estética da mediação literária e nas abordagens participativas.
Um terceiro desafio reside no tensionamento cultural com as famílias no que tange às dinâmicas do cuidar e do aprender. Há uma parcela considerável de responsáveis que, premida por visões utilitaristas da educação, cobra da escola a entrega de folhas de atividades preenchidas ou foca exclusivamente nos aspectos de ganho de peso e higiene do bebê. Demonstrar aos pais que o colo literário, o manuseio livre do livro e o brincar heurístico com as palavras são formas elevadas de desenvolvimento intelectual exige um trabalho persistente de reeducação do olhar. A Documentação Pedagógica e as sessões integradas de contação de histórias funcionam como ferramentas chaves para desconstruir esses preconceitos, demonstrando visualmente a riqueza das vivências infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo empreendido ao longo deste artigo evidenciou que a inserção da literatura na primeiríssima infância representa um marco pedagógico, ético e político inalienável no desenvolvimento integral dos sujeitos. A leitura de histórias para bebês transcende os domínios da mera distração lúdica ou da preparação técnica para uma futura escolarização formal; ela configura-se como um direito humano fundamental das crianças de habitarem um ambiente culturalmente enriquecido, esteticamente provocador e mediado pelo afeto sincero.
As evidências teóricas angariadas demonstram que as sessões de leitura compartilhada disparam uma cascata de transformações multidimensionais na arquitetura humana. No plano biológico, alimentam a neuroplasticidade sináptica, pavimentando caminhos para competências cognitivas e linguísticas de excelência. No plano psicológico e emocional, atuam como um porto seguro para a consolidação do apego seguro, regulando estados de estresse e blindando a saúde mental contra as adversidades contemporâneas. No plano social, geram empatia, senso de pertença e respeito às alteridades culturais por meio de acervos plurais e representativos.
O projeto 'Lendo para Bebês – Entrelaçando Escola e Família' materializa esses conceitos teóricos em uma metodologia operacional concreta e transformadora. Ao instituir canais bidirecionais de circulação cultural entre o Centro de Educação Infantil e o espaço doméstico, a proposta implode os muros simbólicos do isolamento institucional, reconvocando as famílias para assumirem a coparticipação ativa nos processos civilizatórios de seus filhos, sem coerções, mas pelo viés do afeto e do pertencimento comunitário.
Conclui-se que o sucesso na formação de futuras gerações de leitores apaixonados e de cidadãos mais empáticos, críticos e equilibrados emocionalmente depende da coragem institucional de se investir na infância do agora. Ler para um bebê no presente é semear uma semente de amor, cognição e cuidado humano cujos frutos se estenderão por toda a trajetória vital do indivíduo e da sociedade que o acolhe.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Luana Oliveira. Literatura Infantil e diversidade cultural: a representação dos grupos marginalizados nos livros infantis. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Repositório Institucional Acadêmico, 2019.

COLETIVO LEITOR. Benefícios da literatura

na primeira infância. São Paulo: Coletivo Leitor Editorial, 2024. Disponível em: https://www.coletivoleitor.com.br/blog/literatura-na-primeira-infancia. Acesso em: 10 maio 2025.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Art-Med, 2003.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2015.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. Palavras que transformam: os impactos da literatura na primeira infância. São Paulo: FMCSV, 25 abr. 2025. Disponível em: https://fundacaomariacecilia.org.br/noticias/. Acesso em: 10 maio 2025.

HOYUELOS, A. A Estética no Pensamento e na Obra Pedagógica de Loris Malaguzzi. São Paulo: Phorte, 2020.

RODRIGUES, Laís Naira; NUNES, Lara Naíne Rodrigues. A contribuição da leitura no desenvolvimento neuropsicomotor da criança da fase fetal à primeira infância: revisão médica e pedagógica. Revista Aracê, v. 7, n. 7, p. 41415-41431, 2025.

SAHAKIAN, Barbara J. et al. Reading for pleasure helps kids' brain development. Scientific American, New York, v. 329, n. 4, 4 set. 2023.

VECCHI, V. Arte e Criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na Educação da Primeira Infância. São Paulo: Phorte, 2017.